

Por que a Igreja ordena mulheres

“Não há judeu nem grego; não há escravo nem liberto; não há homem nem mulher; porque todos vocês são um em Cristo Jesus.”

Gálatas 3.28 • NAA

Bispo Ildo Mello

Leitura prévia: Gl 3.26-29; Jl 2.28-29; Rm 16.1-16

PARA COMEÇAR

Duas perguntas que não podem ser adiadas

Este é um debate entre cristãos sinceros, que leem a mesma Bíblia e querem obedecer ao mesmo Senhor. Vamos tratá-lo assim.

A Escritura proíbe a mulher de pregar — ou proíbe a desordem?

Dois textos de Paulo mandam a mulher calar-se na igreja. O mesmo Paulo, na mesma carta, pressupõe mulheres orando e profetizando na assembleia. O que fazemos com isso?

Se o Espírito concede o dom, pode a Igreja negar o reconhecimento?

Quando Deus dota e chama uma mulher para o ministério pastoral, e a igreja constata o fruto, com que autoridade recusamos a ordenação?

A objeção contrária, na sua forma mais forte: Paulo escreve “não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem” (1Tm 2.12), e fundamenta a proibição não na cultura de Éfeso, mas na ordem da criação — “porque Adão foi formado primeiro” (1Tm 2.13). Sendo assim, a restrição não seria local nem temporária: seria permanente, porque a criação é permanente. Some-se que Jesus escolheu doze homens, e que a Igreja passou dezenove séculos sem ordenar mulheres.

É um argumento sério, e quem o defende merece resposta séria — não caricatura. O que pretendo mostrar é que ele não sobrevive a três testes: o do **conjunto da Escritura**, o da **coerência hermenêutica** e o do **que o Novo Testamento efetivamente registra que as mulheres faziam**.

ARGUMENTO 1

Criação, queda e restauração

Toda a discussão depende de uma pergunta anterior: a subordinação da mulher pertence à ordem da criação, ou entrou no mundo com o pecado?

GÊNESIS 1.27-28

A imagem e o domínio são dos dois

“Criou Deus o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” E a bênção seguinte — encher a terra e sujeitá-la — é dada aos dois, sem divisão de funções.

No relato da criação não há hierarquia entre eles. Há semelhança, parceria e um mandato comum.

1

A sujeição aparece depois da queda

Só em Gn 3.16, no anúncio das consequências do pecado, é que se lê “ele a governará”. Repare no gênero da frase: ela está na mesma lista dos espinhos, do suor e da dor — descreve o mundo quebrado, não o mundo como Deus o quis. Ler ali um mandamento permanente é transformar maldição em estatuto.

Cristo restaura o princípio

Quando lhe perguntaram sobre o divórcio, Jesus não argumentou a partir do que a dureza do coração havia consolidado; voltou ao começo: “desde o princípio não foi assim” (Mt 19.8). Esse é o método. O Evangelho não santifica os efeitos da queda; desfaz o que o pecado torceu.

B. T. Roberts resume assim a tese que atravessa o seu livro: o homem e a mulher foram criados iguais; na queda a mulher foi sujeitada ao marido como castigo; e **Cristo repromulgou a lei primitiva e restaurou a relação original de igualdade entre os sexos**. Se isso está certo, então defender a subordinação permanente da mulher é defender a permanência de uma consequência do pecado dentro da igreja da graça.

ARGUMENTO 2

O texto-chave, e o que ele realmente diz

Gálatas 3.28 é a chave de leitura de toda a questão. E o modo como se costuma esvaziá-lo revela mais do que se pretende.

“Não há judeu nem grego; não há escravo nem liberto; não há homem nem mulher; porque todos vocês são um em Cristo Jesus.” Gálatas 3.28 · NAA

A objeção mais comum é que o versículo trata apenas de *salvação*: homem e mulher seriam “um” só no modo de serem salvos, e estender isso a ministério seria acrescentar ao texto. Roberts responde com um argumento que considero decisivo.

Por que a leitura “só salvação” não se sustenta

**Ninguém
nunca
duvidou
que a
mulher
fosse
salva**

Em todas as ofertas de salvação do Novo Testamento, a mulher jamais é mencionada em separado. Nenhuma vez. “Quem crer e for batizado será salvo” sempre a incluiu, e nunca houve disputa sobre isso. Se Gálatas 3.28 tratasse só de salvação, mencionar a mulher seria supérfluo — o versículo estaria resolvendo um problema que não existia.

**Já quanto
ao grego
e ao
escravo,
havia
disputa
real**

Foi preciso uma visão do céu para convencer Pedro de que um gentio podia ser salvo (At 10). Se o propósito do versículo fosse apenas soteriológico, a lista teria parado no grego e no escravo. Paulo acrescenta “homem nem mulher” porque está afirmando outra coisa: a abolição, em Cristo, dos privilégios fundados em nacionalidade, condição social e sexo.

**Não se
pode
aplicar a
mesma
frase em
dois pesos**

É contrário a qualquer princípio sadio de interpretação dizer que o versículo dá ao grego os mesmos direitos que ao judeu num sentido pleno, e à mulher os mesmos direitos que ao homem num sentido bem mais estreito. Se ele abre o ministério a homens de todas as nações, abre às mulheres exatamente o mesmo.

Um detalhe que costuma escapar. A igreja usou este mesmo versículo para desmontar a escravidão. Ninguém hoje diria que “não há escravo nem liberto” valia apenas para o modo de ser salvo, e que no mais o escravo continuava escravo. Fazemos com a terceira cláusula o que já nos recusamos a fazer com a segunda.

ARGUMENTO 3

O Espírito foi derramado sobre os filhos e sobre as filhas

Se a pregação depende de dom, e o dom vem do Espírito, então a pergunta decisiva é: sobre quem o Espírito foi prometido?

“Depois disso, derramarei o meu Espírito sobre todas as pessoas. Os filhos e as filhas de vocês profetizarão... Também sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias.” Joel 2.28-29 · NAA

Pedro cita exatamente esse texto no dia de Pentecostes para explicar o que estava acontecendo (At 2.17-18). Não é uma promessa para o futuro remoto: é a certidão de nascimento da Igreja. E ela nomeia as filhas e as servas.

1

Não se profetiza de boca fechada

Profetizar, em Paulo, não é adivinhar o futuro: “quem profetiza fala aos seres humanos, edificando, exortando e consolando” (1Co 14.3). Ora, edificar, exortar e consolar são exatamente os fins do ministério da Palavra. Se as mulheres profetizavam — e profetizavam —, as mulheres pregavam.

2

E profetizavam na assembleia

Na mesma carta em que manda as mulheres calarem-se, Paulo dá instruções sobre como elas devem se apresentar “ao orar ou profetizar” (1Co 11.5). Ninguém regula o traje de quem está em silêncio. A regra pressupõe a prática.

A linha das profetisas atravessa toda a Escritura

Miriã

Chamada profetisa e colocada por Miqueias, ao lado de Moisés e Arão, entre os que Deus enviou para conduzir Israel (Êx 15.20; Mq 6.4).

Débora

Profetisa e juíza, à frente do povo inteiro, com autoridade civil e espiritual reconhecida por todos, inclusive por Baraque (Jz 4.4-9).

Hulda

Quando o Livro da Lei foi achado, o rei Josias não mandou consultar Jeremias nem Sofonias, que eram seus contemporâneos: mandou consultar Hulda — e a palavra dela moveu uma reforma nacional (2Rs 22.14-20).

Ana

No templo, reconhece o Messias recém-nascido e “falava a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém” (Lc 2.36-38). É pregação, no sentido mais próprio da palavra.

**As quatro
filhas de
Filipe**

Já na igreja do Novo Testamento, quatro mulheres solteiras que profetizavam, registradas sem uma linha de ressalva (At 21.9).

Repare no que isso significa para o argumento da “ordem da criação”. Se a subordinação da mulher fosse uma norma permanente fundada na criação, Deus teria violado a própria norma cada vez que colocou a sua palavra na boca de uma profetisa — inclusive quando a fez julgar Israel e corrigir um rei.

ARGUMENTO 4

O que as mulheres de fato faziam na igreja apostólica

Antes de discutir o que Paulo teria proibido, convém olhar para o que Paulo elogiou. Em Romanos 16, de vinte e cinco pessoas saudadas, cerca de um terço são mulheres — e nenhuma delas aparece em posição decorativa.

1

Maria Madalena

A primeira pessoa a ver o Ressuscitado e a primeira a ser enviada a anunciá-lo aos apóstolos (Jo 20.17-18). Numa cultura em que o testemunho da mulher não valia em juízo, Deus escolheu justamente mulheres como testemunhas oculares do fato que sustenta a fé cristã.

2

Priscila

Junto com Áquila, expôs a Apolo “com mais exatidão o Caminho de Deus” (At 18.26) — ou seja, ensinou doutrina a um pregador eloquente. E em quatro das seis menções o nome dela vem antes do nome do marido, algo tão incomum na época que só se explica pelo destaque do seu ministério.

3

Febe

Paulo a chama *diakonos* da igreja de Cencreia — a mesma palavra que noutros lugares se traduz “diácono” e “ministro” — e *prostátis*, termo de patrocínio e liderança (Rm 16.1-2). Ela é, muito provavelmente, quem levou a Roma a carta que carregava toda a teologia paulina.

4

Evódia e Síntique

Paulo pede que sejam ajudadas porque “lutaram ao meu lado no evangelho” (Fp 4.2-3). O verbo é *syn thle*, o de lutar ombro a ombro na arena. Elas prestaram a Paulo a mesma ajuda que Clemente prestou — e o conflito entre as duas preocupava o apóstolo porque a liderança delas era decisiva em Filipos.

5

Lídia e Níffa

Igrejas se reuniam nas casas delas (At 16.15; Cl 4.15). A igreja primitiva nasceu em casas, onde se celebrava a Ceia e se ensinava a Palavra — e a dona da casa não era mera anfitriã. O mesmo vale para Maria, mãe de João Marcos, nomeada por si mesma em Atos 12.12-17.

6

Trifena, Trifosa, Pérside e Maria

Paulo diz que “trabalharam muito no Senhor” (Rm 16.6,12). O verbo *kopia* é o mesmo que ele usa para descrever o próprio trabalho de evangelizar e ensinar. Comentando o versículo, Adam Clarke conclui que “mulheres cristãs, tanto quanto homens, trabalhavam no ministério da palavra”.

A nota exegética que decide muita coisa

ROMANOS 16.7

Júnia, apóstola

Paulo saúda Andrônico e Júnia, “notáveis entre os apóstolos”, acrescentando que estavam em Cristo antes dele. Duas dúvidas foram levantadas para desfazer o incômodo: que Júnia talvez fosse homem, e que “notáveis entre os apóstolos” talvez significasse apenas “bem quistos pelos apóstolos”.

Nenhuma das duas se sustenta bem. Os manuscritos trazem o nome feminino, e nenhum dos comentaristas que sugeriram a forma masculina apresentou razão para a sugestão. Quanto ao segundo ponto, Crisóstomo — nascido em Antioquia no século IV, para quem o grego era língua materna — escreveu: “já ser apóstolo é grande coisa; mas ser notável entre eles, considerai que grande encômio! Oh, quão grande é a devoção desta mulher, que foi julgada digna do título de apóstola!”

Lutero traduziu a expressão na sua Bíblia alemã como “apóstolos renomados”. E o apostolado, no Novo Testamento, não se limita aos Doze: Matias, Barnabé, Epafrodito e outros recebem o mesmo título (At 1.26; 14.14; Fp 2.25).

Some-se um argumento que Roberts extrai do próprio vocabulário: nas listas de dons e ofícios — apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres (Ef 4.11; 1Co 12.28) — **em momento algum se diz que este ou aquele ofício é masculino**. A distinção que tanto se defende simplesmente não aparece onde ela deveria estar.

ARGUMENTO 5

O ministério cristão não é sacerdócio

Boa parte da resistência à ordenação de mulheres se apoia, sem perceber, num modelo levítico que o Novo Testamento desmontou.

A OBSERVAÇÃO DE B. T. ROBERTS

Cento e cinquenta e uma vezes — e nenhuma delas

A palavra “sacerdote” aparece cento e cinquenta e uma vezes no Novo Testamento. **Nem uma única vez é aplicada a um ministro cristão.** Nem João, nem Pedro, nem Paulo, nem Tiago é jamais chamado sacerdote. A razão é teológica: sacerdote é quem oferece sacrifício pelos pecados de outros (Hb 5.1), e Cristo se ofereceu uma vez por todas (Hb 10.11-12).

A religião cristã não tem sacerdotes porque não tem mais sacrifício pelo pecado a oferecer. O sacrifício está completo.

Isso reorganiza o problema inteiro. No Antigo Testamento, de fato, nenhuma mulher foi sacerdotisa — mas várias foram profetisas. A exclusão do sacerdócio tinha razões cerimoniais: quem oferece sacrifício manuseia sangue e opera sob regras estritas de pureza ritual, e a lei mosaica considerava a mulher impura em períodos regulares. **Se o ministério cristão não é sacerdócio, a razão da exclusão desapareceu junto com o altar.**

O sacerdócio que o Novo Testamento reconhece é o de todo o povo: “vocês, como pedras que vivem, são edificados casa espiritual para serem sacerdócio santo” (1Pe 2.5); “vocês, porém, são raça eleita, sacerdócio real” (1Pe 2.9). E os sacrifícios desse sacerdócio estão especificados — o corpo (Rm 12.1), as boas obras (Hb 13.16) e o louvor (Hb 13.15) —, todos oferecidos por cada um em pessoa. Ninguém os oferece por ninguém.

Roberts observa o momento em que a coisa virou: quando os ministros da igreja antiga começaram a assumir prerrogativas sacerdotais, atribuíram à mulher um lugar inferior; e, à medida que essa apostasia avançou, excluíram-na de todo. A partir do século IV a igreja adotou de novo o modelo levítico, e as portas se fecharam. O protestantismo, no seu nascedouro, não fez questão de reabri-las.

Os argumentos desta seção estão desenvolvidos nos capítulos 4 e 15 de [Ordenando Mulheres](#), de B. T. Roberts, disponível na íntegra no site.

ARGUMENTO 6

O que a Igreja faz quando ordena

Se ordenar fosse conferir um poder, a discussão seria outra. Mas não é isso que o Novo Testamento mostra.

1

Atos 6 — a ordenação modelo

Os apóstolos não escolheram os sete: convocaram a comunidade inteira e disseram “escolham entre vocês sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria” (At 6.3). A igreja elegeu, os apóstolos oraram e impuseram as mãos. O critério foi o dom já evidente, não o rito.

2

Atos 13 — e nem mesmo para Paulo

Em Antioquia o Espírito disse: “separem Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado”. Impuseram-lhes as mãos e os enviaram (At 13.1-3). A imposição de mãos deu a Paulo título para o ministério? De modo algum — Deus já o havia chamado, e autorização mais alta não existe.

Dai a conclusão: **a função da igreja na ordenação não é criar nem conferir o dom do ministério, mas reconhecê-lo e autenticá-lo quando o Cabeça da Igreja já o concedeu.** É exatamente o que diz o nosso Manual: a ordenação “é sempre, antes de tudo, uma atividade de chamamento e unção divinos” ([Manual, §8000](#)).

O argumento de Pedro, aplicado aqui

Quando o Espírito Santo caiu sobre a casa de Cornélio antes de qualquer rito, Pedro fez a pergunta que encerrou a discussão: **“Será que alguém pode negar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?”** (At 10.47). Eles já tinham a substância; faltava o sinal.

A pergunta se repete diante de nós, com outro sinal. Quando uma mulher evidencia o chamado, o dom e o fruto do ministério pastoral — e a igreja vê isso com os próprios olhos —, com que autoridade lhe negamos o reconhecimento? Negar a ordenação a quem Deus já ungiu não é zelo pela Escritura. É repetir o erro que Pedro se recusou a cometer.

ENFRENTANDO O CONTRADITÓRIO

Respostas às nove objeções

Reuni as nove objeções que mais aparecem, cada uma na sua forma mais forte. Toque para abrir.

1

“Não permito que a mulher ensine” (1Tm 2.11-12)

É o texto decisivo para quem se opõe, e merece a resposta mais cuidadosa. Começo pela pergunta que ninguém escapa: **por que só esta parte do parágrafo continua valendo?**

O teste da coerência

Quem usa 1Timóteo 2 para impedir o ministério pastoral feminino deveria, pelo mesmo texto e pelo mesmo método, proibir as mulheres de usar aliança, ouro, pérolas e vestidos caros; proibir tranças no cabelo; e proibi-las de fazer perguntas num estudo bíblico, porque o texto manda que aprendam em silêncio. Deveria ainda ensinar que a mulher se salva “dando à luz filhos” (v. 15) — o que complica a vida das que nunca terão filhos. E, como o mesmo parágrafo determina que os homens orem “levantando mãos santas” em todo lugar (v. 8), deveria exigir que todos os homens orassem sempre de mãos erguidas.

Porventura os que condenam o ministério pastoral feminino oram sempre de mãos erguidas em todo lugar? Se não, que hermenêutica é essa, que trata parte do mesmo parágrafo como Palavra permanente para todas as gerações e outra parte como detalhe cultural?

O verbo que foi traduzido demais

O termo que a tradição verteu por “exercer autoridade” é *authente*, palavra rara, que ocorre uma única vez em todo o Novo Testamento. Ela não descreve a autoridade legítima, e sim o agir como déspota, o dominar. Dean Alford traduzia “nem dominar sobre”. E o despotismo é proibido também aos homens: “nem como dominadores dos que lhes foram confiados” (1Pe 5.3). **Exercer autoridade legitimamente conferida não é usurpar autoridade.**

E o destinatário

Timóteo estava em Éfeso, lidando com falsos mestres e com mulheres recém-saídas do paganismo, sem instrução nenhuma. O primeiro mandamento do parágrafo é notável e quase nunca citado: **“a mulher aprenda”**. Num mundo que negava educação às mulheres, isso já era uma revolução. Paulo não as está calando para sempre; está mandando que estudem antes de ensinar — o que ele exigiria de qualquer homem na mesma situação.

Três observações desmontam a leitura literal.

1. Nenhuma igreja aplica o texto ao pé da letra

Se aplicasse, não permitiria que as mulheres cantassem, porque cantar não é ficar calada; nem que orassem, pela mesma razão; nem que testemunhassem; nem que ensinassem na escola dominical, porque a declaração é geral; nem que escrevessem livros ou artigos religiosos, porque isso também é ensinar. Todos já concordam que estas palavras não devem ser tomadas literalmente — a discussão é só sobre onde parar.

2. O próprio Paulo já havia pressuposto o contrário

Três capítulos antes, na mesma carta, ele regula como a mulher deve se apresentar “ao orar ou profetizar” na assembleia (1Co 11.5). Não se legisla sobre o traje de quem está proibida de abrir a boca.

3. O assunto do capítulo é desordem, não gênero

1Coríntios 14 trata de confusão no culto: “Deus não é Deus de confusão” (v. 33). Ao homem também se ordena silêncio em certas circunstâncias — “se não houver intérprete, fique calado na igreja” (v. 28) —, e também aos profetas se exige sujeição: “os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas” (v. 32). Crisóstomo, comentando o versículo no século IV, entendeu exatamente assim: Paulo vinha contendo a perturbação das línguas e das profecias, e passou em seguida à desordem que vinha das conversas paralelas.

Repare ainda que Paulo não escreve “as mulheres” em termos gerais, mas **“as vossas mulheres”** — as daquela comunidade, contagiada por um espírito desordeiro que afetava homens e mulheres. A proibição era local e temporária.

Esta é a objeção mais forte, porque tenta ancorar a proibição fora da cultura. Quatro respostas.

1. A primogenitura não governa a Bíblia

Se ser formado primeiro conferisse autoridade permanente, o princípio deveria valer em toda a Escritura. Só que Deus o inverte sistematicamente: escolhe Isaque e não Ismael, Jacó e não Esaú, Judá e José e não Rúben, e Davi, o caçula de oito. A ordem de nascimento é justamente aquilo que Deus não trata como decisivo.

2. O argumento prova demais

Levado a sério, ele daria precedência aos animais, formados antes de Adão. E, se a anterioridade fundasse hierarquia permanente, Paulo teria de explicar por que ele mesmo escreve que “assim como a mulher veio do homem, também o homem nasce da mulher; e tudo vem de Deus” (1Co 11.12) — frase feita exatamente para impedir que alguém tire da ordem da criação uma conclusão de superioridade.

3. O parágrafo não está fundando um estatuto de ofício

Quem lê os versículos 13 e 14 como norma universal precisa ler o 15 do mesmo jeito, e aí terá de ensinar que a mulher se salva pela maternidade. Como ninguém ensina isso, todos já reconhecem que o parágrafo está fazendo outra coisa: respondendo a um problema concreto em Éfeso.

4. Gênesis não conhece essa hierarquia

No próprio relato da criação, a imagem de Deus e o mandato de dominar são dados aos dois (Gn 1.27-28), e a mulher é chamada “auxiliadora” com a mesma palavra que a Escritura aplica a Deus como socorro do seu povo (Sl 33.20). Auxiliar, ali, não é subordinar-se.

4 “A mulher foi enganada” (1Tm 2.14)

Se ter sido enganada desqualifica para o ensino, o princípio precisa valer parelho. Paulo teria de excluir do ministério toda a linhagem de Adão, que pecou de olhos abertos, sem sequer a desculpa do engano — e Paulo diz precisamente isso: “por um só homem entrou o pecado no mundo” (Rm 5.12). A responsabilidade que ele atribui à queda recai sobre Adão.

Além disso, a Escritura registra homens enganados em série — Aarão diante do bezerro, Salomão diante das mulheres estrangeiras, Pedro diante de uma criada — sem que ninguém proponha excluir os homens do ministério por isso.

A leitura mais coerente com o contexto é outra: em Éfeso havia mulheres sendo alvo e veículo de doutrina falsa, e Paulo recorre à figura de Eva como advertência viva. É pastoral, não ontológico. Ele nunca diz que a mulher é *por natureza* mais enganável; se dissesse, teria de explicar como confiou o ensino de Apolo a Priscila.

5 “Jesus não escolheu nenhuma mulher entre os Doze”

A pergunta tem uma resposta simétrica que costuma encerrar o assunto: **se os gentios podem pregar, por que Jesus não escolheu nenhum gentio entre os Doze?** Os doze eram judeus, todos eles. Se o exemplo obriga num caso, obriga no outro — e ninguém sustenta que o ministério seja privativo de judeus.

Os Doze correspondem às doze tribos de Israel; a escolha tem uma lógica de representação simbólica do novo povo de Deus, não de estabelecimento de requisitos permanentes de ofício.

E vale notar o silêncio inverso, que é significativo: em tudo o que já se escreveu contra o direito da mulher de ser ministra do Evangelho, jamais se citou uma única palavra de Jesus contra esse direito. Não existe. O que existe é o oposto — Jesus aplicou à mulher as mesmas exigências morais que ao homem, deixou Maria sentar-se aos seus pés na postura do discípulo (Lc 10.39), e confiou a uma mulher o primeiro anúncio da ressurreição.

6

“O bispo deve ser marido de uma só mulher” (1Tm 3.2)

A expressão visa a fidelidade conjugal num mundo de poligamia e concubinato, não o sexo do ministro. Lida como requisito de gênero, ela desqualificaria também todo homem solteiro e todo viúvo — e, na mesma lista, o requisito de “governar bem a própria casa, tendo os filhos sob submissão” excluiria os casais sem filhos.

O problema dessa leitura fica evidente no seu resultado: **ela desqualificaria Paulo**, que era solteiro e sem filhos, e Jesus, e Timóteo. Quando um método de interpretação exclui do ministério o autor do texto, o método é que precisa ser revisto.

Some-se que o grego usa formas masculinas como padrão genérico para listas desse tipo, exatamente como o português faz ao dizer “o candidato deve apresentar seus documentos” sem excluir candidatas.

7

“A mulher deve ser submissa ao marido” (Ef 5.22)

Aqui há uma confusão de planos: mesmo que a submissão conjugal fosse unilateral — e não é —, ela não diz nada sobre a autoridade de uma mulher numa congregação composta por homens e mulheres que não são o marido dela.

Mas o ponto principal é o versículo que abre o parágrafo e quase sempre fica de fora da citação: **“sujeitando-se uns aos outros no temor de Cristo”** (Ef 5.21). A submissão descrita ali é mútua, e é dentro dela que se explica o que o marido deve à esposa: entregar-se por ela como Cristo pela Igreja, o que é a exigência mais pesada do parágrafo.

No Reino, aliás, autoridade se define ao contrário do que se imagina. “Quem quiser tornar-se grande entre vocês seja o que serve” (Mt 20.26). O próprio Cristo lavou os pés dos discípulos e os chamou amigos. Onde há autoritarismo, o problema não é quem manda; é que ainda se está mandando do jeito errado.

8

“São dezenove séculos de tradição contra isso”

Concedo o fato, e ele merece peso. Mas peso não é veredito, e essa mesma igreja sustentou por séculos coisas que hoje ninguém defende.

A escravidão é o caso paralelo exato. A Igreja conviveu com ela, tolerou-a e chegou a sancioná-la durante a maior parte da sua história, usando textos bíblicos para isso. Foram os princípios da própria Escritura que, germinando, acabaram por derrubá-la — e o versículo decisivo foi o mesmo Gálatas 3.28. Quem aceita esse desfecho na segunda cláusula do versículo precisa explicar por que o rejeita na terceira.

Roberts localiza ainda quando e por que as portas se fecharam: à medida que os ministros assumiram prerrogativas sacerdotais, a mulher foi rebaixada; e, com a plena adoção do modelo levítico a partir do século IV, foi excluída de todo. A tradição contrária não vem dos apóstolos. Vem de uma clericalização que o Novo Testamento não conhece.

Vale lembrar também que a tradição não é unânime. Entre os Quacres, por mais de duzentos anos antes de Roberts escrever, a mulher teve os mesmos direitos que o homem. E o metodismo reconheceu pregadoras desde o século XVIII.

9

“Isso é ceder ao espírito do século”

Entendo a preocupação, e ela é legítima: a igreja realmente já dobrou o joelho a modas com roupagem de progresso. Só que a acusação não se aplica aqui, por duas razões.

A primeira é o método. No prefácio de *Ordenando Mulheres*, Roberts diz que evitou de propósito todo apelo ao sentimento e ao “espírito da época”, e fundamentou os seus argumentos principalmente na Palavra de Deus. Foi o que tentei fazer nesta aula: os argumentos são exegéticos e históricos, não sociológicos. Se estiverem errados, estarão errados por má leitura da Escritura — e é aí que devem ser refutados.

A segunda é a cronologia. Roberts publicou em 1891, quando nenhum “espírito da época” favorecia essa causa; ao contrário, ele perdeu a votação e morreu sem ver a mudança. Wesley reconheceu pregadoras no século XVIII. Não se trata de correr atrás do mundo; trata-se de uma convicção que o movimento wesleyano sustentou justamente quando o mundo pensava o contrário.

E o resultado não é diluição da fé, mas o seu contrário. **Isto não é liberalismo; é libertação.** “Se, pois, o Filho os libertar, verdadeiramente serão livres” (Jo 8.36).

Uma convicção wesleyana, e antiga

O movimento wesleyano foi pioneiro na luta contra a escravidão e foi também o primeiro a reconhecer o ministério feminino. Não é novidade nossa; é herança.

C. 1761

Sarah Crosby

Numa reunião de classe em Derby aparecem duzentas pessoas em vez das poucas esperadas. Sarah Crosby fala a todas e depois escreve a Wesley, aflita, perguntando se havia errado. Wesley não a repreende: orienta-a a continuar, com prudência.

1771

Wesley e Mary Bosanquet

Mary Bosanquet escreve a Wesley defendendo por escrito o direito de pregar. A resposta dele, de 13 de junho de 1771, é o marco: Wesley reconhece que ela tem um **chamado extraordinário** — exatamente a categoria com que justificava os seus pregadores leigos, que também não eram ordenados pela Igreja da Inglaterra. Ou seja: onde Deus evidentemente chama, a regra ordinária cede.

1787

Sarah Mallet

Wesley autoriza formalmente Sarah Mallet a pregar nas sociedades metodistas, desde que pregue a doutrina e observe a disciplina do movimento — as mesmas condições exigidas de qualquer pregador.

1860

Nasce a Igreja Metodista Livre

B. T. Roberts funda a IMeL em torno de um conjunto de liberdades: livre do escravismo, livre dos bancos alugados que separavam ricos e pobres no culto, livre para a ação do Espírito. A lógica que abriu os bancos é a mesma que abriria o púlpito.

1890

A derrota

No Concílio Geral, a proposta de ordenar mulheres é rejeitada por **41 votos a 37**. Quatro votos.

1891

Ordenando Mulheres

Roberts responde à derrota com um livro inteiro. Dezessete capítulos de exegese, história e argumento, que se encerram com a tese que ele queria ver aprovada: “a nenhuma pessoa evidentemente chamada por Deus para o ministério do Evangelho, e devidamente qualificada para ele, deve ser recusada a ordenação por causa de raça, condição ou sexo”.

1893

Ele morre sem ver

Roberts falece dois anos depois da publicação, sem que a igreja que fundou tivesse mudado de posição.

1974

A igreja alcança o seu fundador

Oitenta e quatro anos depois daquela votação, a Igreja Metodista Livre aprova a ordenação plena de mulheres. Roberts estava certo; só estava adiantado.

Sobre demorar tanto. Não é confortável reconhecer que a nossa própria igreja levou quase um século para aceitar o que o seu fundador havia demonstrado pela Escritura. Mas registrar isso faz parte da honestidade da aula — e serve de advertência. O preconceito costuma chegar antes da exegese e depois se vestir com ela.

O livro completo está no site: [Ordenando Mulheres](#), de B. T. Roberts (1891), com os dezessete capítulos e o prefácio do autor.

A MINHA POSIÇÃO

Onde eu fico

Não ordenamos mulheres porque os tempos mudaram, mas porque o Espírito continua chamando quem quer — e a Igreja não tem autoridade para recusar o reconhecimento a quem Deus já ungiu.

Diante da evidência exegética e do testemunho da igreja apostólica, defendo o ministério feminino com convicção, inclusive no seu ponto mais disputado: a ordenação pastoral e o exercício de autoridade na igreja local, no concílio e na conferência.

As mulheres representam hoje a maior parte da membresia ativa das nossas igrejas. Não devem ser caladas nem confinadas a um papel secundário. Devem ser reconhecidas e valorizadas como iguais, encorajadas a assumir o seu posto e a sua vocação lado a lado com os homens, em condições de igualdade.

O que a nossa disciplina já diz

MANUAL DA IGREJA • \$8000

“Esses homens e mulheres ordenados pela Igreja”

O Manual da Igreja Metodista Livre trata do ministério ordenado sem qualquer distinção de sexo: pessoas que dão testemunho de um chamado interior do Espírito Santo são examinadas e separadas pela ordenação pública, com imposição de mãos, seguindo o exemplo da Igreja primitiva. E acrescenta o princípio que sustenta toda esta aula: **a ordenação é sempre, antes de tudo, uma atividade de chamamento e unção divinos.**

Texto completo em [Manual da Igreja, \\$8000](#). Não estamos propondo novidade: estamos pedindo coerência com o que já professamos.

E o que esta posição NÃO afirma

1

Não é desprezo pelos textos difíceis

1Timóteo 2 e 1Coríntios 14 são Escritura, e não os descartamos. Sustentamos que devem ser lidos no contexto em que foram escritos e em harmonia com o restante da Bíblia — o mesmo critério que todos já aplicam quando permitem que a mulher cante, ore e ensine crianças.

2

Não é dizer que toda mulher é chamada

Ordenar não é um direito de ninguém, homem ou mulher. É o reconhecimento de um chamado que precisa ser examinado, provado e confirmado pela igreja, com os mesmos critérios de dom, graça, doutrina e caráter exigidos de qualquer candidato.

3

Não é apagar as diferenças

Homem e mulher não são intercambiáveis, e a igualdade de que falamos não é uniformidade. É igualdade de valor, de acesso e de responsabilidade diante do mesmo Senhor.

4

Não é romper com quem discorda

Há irmãos fiéis, tementes a Deus e sérios no estudo da Escritura, que leem estes textos de outro modo. Defendo a minha posição com firmeza e os recebo como irmãos. “No essencial, unidade; no não essencial, liberdade; em tudo, caridade.”

Aplicação e diretrizes pastorais

Doutrina que não muda a prática vira ornamento. Se o que foi dito acima é verdade, algumas coisas precisam mudar na segunda-feira.

Chamar pelo nome do ofício

Quem foi ordenada é pastora, e deve ser tratada assim — no boletim, no convite, na apresentação do púlpito e na assinatura dos documentos. Meio-termo de linguagem é meio-termo de reconhecimento.

Abrir o púlpito, não só o corredor lateral

Ministério feminino não é o trabalho com crianças e com outras mulheres, embora também o seja. Se ela prega, que pregue no culto principal. Se ensina, que ensine a igreja inteira.

Discernir e provar cedo

A igreja local é o lugar onde o chamado aparece primeiro. Pastores e juntas devem procurar ativamente as mulheres com dom evidente, dar-lhes oportunidade real de exercício, custear formação e encaminhá-las ao processo ministerial — em vez de esperar que elas insistam sozinhas contra a corrente.

Cuidar da remuneração e da carga

Igualdade que não chega ao orçamento não é igualdade. Mesma função, mesmos critérios de sustento, mesmas condições de trabalho e de descanso.

Ensinar a congregação

Muita resistência não é convicção teológica; é hábito. Uma série de estudos, uma classe de escola dominical e a leitura conjunta de Roberts resolvem boa parte do desconforto — porque a maioria das pessoas nunca ouviu os argumentos, só a conclusão.

Corrigir o autoritarismo, de qualquer lado

Nada do que se disse aqui autoriza o domínio de ninguém sobre ninguém. A regra continua sendo a sujeição mútua (Ef 5.21) e o serviço (Mt 20.26). No Reino de Deus não há lugar para autoritarismo — nem masculino, nem feminino.

Há uma cena que se repete em muitas das nossas igrejas: uma mulher com dom evidente, que ensina melhor do que a maioria, ocupada há vinte anos em tarefas que ninguém mais quer fazer, sem que jamais lhe tenham perguntado se Deus a chamou. Não é preciso hostilidade para produzir isso. Basta o silêncio. E o silêncio, nessa altura, já é uma resposta — só que é a resposta errada.

PARA PENSAR E CONVERSAR

Perguntas para reflexão

Na sua igreja local, quantas mulheres com dom evidente de ensino nunca foram sequer perguntadas se Deus as chamou?

VER RESPOSTA SUGERIDA

Esta é a pergunta que separa a convicção declarada da convicção praticada. Quase nenhuma igreja hoje afirma em voz alta que a mulher não pode ministrar; muitas, porém, nunca perguntaram a nenhuma delas. O resultado prático é o mesmo da proibição — só que sem o custo de assumi-la.

Uma providência simples e verificável: **fazer a pergunta**. O pastor e a junta local listam nominalmente as mulheres da congregação com dom reconhecido de ensino, pregação ou liderança; procuram cada uma; oferecem oportunidade real de exercício no culto principal; e, onde houver chamado, encaminham ao processo ministerial com o mesmo cuidado e o mesmo custeio que se daria a um homem. Sem isso, continuamos afirmando no papel aquilo que negamos na agenda.

E vale ouvir o que elas responderem, inclusive quando a resposta for “ninguém nunca me disse que isso era possível”.

Um irmão sincero diz: “você colocam a cultura acima da Bíblia”. Como responder com mansidão?

VER RESPOSTA SUGERIDA

Comece **concordando com o que há de verdadeiro** na preocupação dele: a Escritura é a nossa autoridade, e uma igreja que ajusta a doutrina ao gosto da época se perde. Nós afirmamos isso tanto quanto ele.

Depois, mova a conversa para o terreno certo, que é exegético. Pergunte, sem ironia, como ele lê o restante do mesmo parágrafo de 1Timóteo 2 — o ouro, as tranças, o vestuário, as mãos erguidas do versículo 8, a salvação pela maternidade do versículo 15. Não é armadilha: é mostrar que **todos nós já interpretamos aquele texto no seu contexto**, e que a discussão é sobre onde parar, não sobre respeitar ou não a Bíblia.

Some a isso o que o Novo Testamento registra: mulheres profetizando na assembleia (1Co 11.5), Priscila ensinando Apolo (At 18.26), Febe chamada *diakonos* (Rm 16.1), Júnia “notável entre os apóstolos” (Rm 16.7), e a promessa de Joel citada em Pentecostes sobre as filhas e as servas (At 2.17-18).

E termine onde Roberts terminou, lembrando que ele escreveu em 1891, contra o espírito da sua época, e perdeu. Se isto fosse modismo, teria nascido com o modismo. Nasceu antes. Defenda a sua posição com firmeza e receba o irmão como irmão.

FIXAÇÃO

Cartões de memorização

GI

3.28

O texto-chave

“Não há judeu nem grego; não há escravo nem liberto; não há homem nem mulher; porque todos vocês são um em Cristo Jesus.”

Jl

2.28-29

Sobre filhos e filhas

O Espírito é prometido também às filhas e às servas — e Pedro cita justamente esse texto em Pentecostes para explicar o que estava acontecendo (At 2.17-18).

1Co

14.3

Profetizar é pregar

“Quem profetiza fala aos seres humanos, edificando, exortando e consolando.” Se as mulheres profetizavam, as mulheres pregavam.

1Co

11.5

A regra pressupõe a prática

Paulo regula como a mulher deve se apresentar ao orar ou profetizar na assembleia. Ninguém legisla sobre o traje de quem está proibida de falar.

Gn

3.16

Maldição não é estatuto

“Ele a governará” está na lista das consequências do pecado, ao lado dos espinhos e do suor. Descreve o mundo quebrado, não a ordem da criação.

Rm

16.7

Júnia, apóstola

“Notáveis entre os apóstolos.” Crisóstomo, para quem o grego era língua materna, afirma sem hesitar que Júnia era mulher e que era apóstola.

Rm

16.1-2

Febe

Chamada diakonos da igreja de Cencreia e prostátis, protetora de muitos. Muito provavelmente foi ela quem levou a Roma a carta aos Romanos.

At

18.26

Priscila

Ensinou doutrina a um pregador eloquente, e o nome dela aparece antes do nome do marido na maioria das menções — algo raríssimo naquela cultura.

1Tm

2.12

authente

O verbo que Paulo usa é raro e único em todo o Novo Testamento: descreve dominar como déspota. E o despotismo também é proibido aos homens (1Pe 5.3).

Hb

10.11-12

Sem sacerdotes

“Sacerdote” aparece 151 vezes no Novo Testamento e nenhuma delas designa um ministro cristão. O sacrifício acabou, e o argumento levítico caiu junto com o altar.

At

10.47

A pergunta de Pedro

“Pode alguém negar a água a estes que receberam o Espírito Santo?” Negar o sinal a quem já tem a substância é o erro que Pedro se recusou a cometer.

Manual,

§8000

A posição da IMeL

“Esses homens e mulheres ordenados pela Igreja...” — e a ordenação é sempre, antes de tudo, uma atividade de chamamento e unção divinos.

Roberts,

1891

A tese de Ordenando Mulheres

A nenhuma pessoa evidentemente chamada por Deus e devidamente qualificada deve ser recusada a ordenação por causa de raça, condição ou sexo.

AVALIAÇÃO

Teste o que você aprendeu

1. Por que a leitura “Gálatas 3.28 fala só de salvação” não se sustenta?

a) Porque Paulo, em Gálatas, não está tratando de justificação pela fé em momento algum da carta

Está sim, e a aula reconhece isso: o capítulo inteiro trata de justificação pela fé. O argumento é outro — é sobre por que a mulher precisou ser mencionada.

b) Porque a palavra “um” exige igualdade absoluta entre as pessoas em toda e qualquer coisa

Não é esse o raciocínio da aula, que não deduz do termo “um” uma uniformidade geral, e sim examina o propósito da lista de Paulo.

c) Porque, se fosse só salvação, mencionar a mulher seria supérfluo: ninguém jamais duvidou que ela fosse salva **[resposta correta]**

Exato. Em todas as ofertas de salvação do Novo Testamento a mulher nunca é mencionada em separado, e nunca houve disputa sobre isso. Já quanto ao gentio houve — foi preciso uma visão do céu para convencer Pedro (At 10).

d) Porque o versículo não consta dos manuscritos mais antigos da carta aos Gálatas
Isso é falso: o versículo está firmemente atestado. A aula não recorre a nenhum argumento textual desse tipo.

2. Qual é o teste de coerência que a aula aplica a 1Timóteo 2?

a) Quem aplica o v. 12 ao pé da letra teria de aplicar também o ouro, as tranças, o silêncio no aprendizado e as mãos erguidas do v. 8 **[resposta correta]**

Isso mesmo. E teria de ensinar ainda que a mulher se salva pela maternidade (v. 15). Como ninguém faz isso, todos já leem o parágrafo em contexto; a discussão é só sobre onde parar.

b) Que o texto é acréscimo tardio de um copista e por isso não obriga a igreja
A aula não usa esse argumento em nenhum momento, e ele não corresponde à evidência manuscrita.

c) Que Paulo mudou de opinião entre a primeira e a segunda carta a Timóteo
Não há nada disso na aula, e a leitura proposta é justamente a de que Paulo é coerente consigo mesmo em 1Co 11.5 e em 1Tm 2.

d) Que Timóteo não era realmente pastor e por isso a instrução não valeria para a igreja

Timóteo exercia liderança em Éfeso, e a aula em nenhum momento desqualifica o destinatário para escapar do texto.

3. Por que o argumento levítico contra a mulher no ministério não alcança a igreja cristã?

a) Porque também no Antigo Testamento houve mulheres exercendo o ofício sacerdotal em Israel

Não houve, e a aula reconhece isso com todas as letras: houve profetisas, nunca sacerdotisas.

b) Porque as leis de pureza ritual foram formalmente revogadas pelo Concílio de Jerusalém em Atos 15

Atos 15 tratou da circuncisão dos gentios, e não é esse o caminho do argumento apresentado na aula.

c) Porque as mulheres cristãs deixaram de ser consideradas cerimonialmente impuras após o Pentecostes

A aula não apela a nada parecido; o ponto é sobre a natureza do ministério, não sobre a condição das mulheres.

d) Porque o ministério cristão não é sacerdócio: “sacerdote” aparece 151 vezes no Novo Testamento e nunca designa um ministro cristão **[resposta correta]**

Exatamente, e essa é a observação de B. T. Roberts. Cristo se ofereceu uma vez por todas (Hb 10.11-12); sem sacrifício a oferecer, não há sacerdotes — e a razão cerimonial da exclusão desapareceu junto com o altar.

4. Segundo Atos 6 e Atos 13, qual é a função da igreja ao ordenar?

a) Conferir ao ordenado, pelo rito da imposição de mãos, um poder espiritual que ele antes não possuía

É justamente o que os dois textos negam. Paulo já havia sido chamado por Deus, e autorização mais alta não existe.

b) Reconhecer e autenticar publicamente o dom que o Cabeça da Igreja já concedeu **[resposta correta]**

Isso. Em Atos 6 a comunidade escolhe pessoas já cheias do Espírito e de sabedoria; em Atos 13 o Espírito manda separar quem ele já havia chamado. É o que o nosso Manual chama de chamamento e unção divinos (§8000).

c) Transmitir a sucessão apostólica por uma linhagem ininterrupta de imposição de mãos desde os Doze

A aula não sustenta esse modelo, e Atos 13 mostra profetas e mestres de Antioquia impondo as mãos sobre Paulo e Barnabé.

d) Certificar que o candidato concluiu a formação acadêmica exigida para o exercício do ofício

Formação importa para o preparo, mas não é o que os textos apontam como fundamento da ordenação.

5. O que aconteceu com a ordenação de mulheres na Igreja Metodista Livre?

a) Foi aprovada por unanimidade já na fundação da denominação, em 1860, junto com a condenação do escravismo

A fundação de 1860 trouxe outras liberdades — contra o escravismo e contra os bancos alugados —, mas não essa.

b) Nunca chegou a ser levada a votação em Concílio Geral, e a prática simplesmente se firmou com o tempo

Foi votada, e o resultado dessa votação é justamente o que levou Roberts a escrever o livro.

c) Foi proposta por John Wesley no século XVIII e rejeitada pela Conferência metodista inglesa da época

Wesley reconheceu pregadoras, como Mary Bosanquet e Sarah Mallet, mas a votação em questão é bem posterior e aconteceu nos Estados Unidos.

d) Foi rejeitada em 1890 por quatro votos, e só veio a ser aprovada em 1974 **[resposta correta]**

Isso: 41 a 37. Roberts respondeu publicando *Ordenando Mulheres* em 1891 e morreu em 1893 sem ver a mudança. A igreja levou oitenta e quatro anos para alcançar o próprio fundador.

Para casa

TAREFAS

Ler Rm 16.1-16, Jl 2.28-29 e 1Tm 2.8-15 (NAA), anotando em duas colunas o que cada texto afirma sobre o que as mulheres faziam e o que lhes era pedido; e preparar, em meia página, a resposta que você daria a um membro que pergunta por que a nossa igreja ordena mulheres.

LEITURA RECOMENDADA

Os dezessete capítulos de [Ordenando Mulheres](#), de B. T. Roberts (1891), estão publicados na íntegra no site. Comece pelo prefácio do autor e pelo capítulo 6, que responde às objeções tiradas do Novo Testamento.